

EDUCAÇÃO INFANTIL E AFETIVIDADE: REFLEXÕES SOBRE SUAS IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DAS CRIANÇAS

*Maria Aparecida Rodrigues Rocha*¹

Universidade Estadual de Feira de Santana 1

*Rainê Ferreira Santana Moura*²

Universidade Estadual de Feira de Santana 2

Resumo: O presente trabalho discuti sobre a relação afetiva entre professor(a)/aluno(a) sendo que esta é de grande relevância para o desenvolvimento da aprendizagem de qualidade do(a)s educando(a)s, e a adaptação dele(a)s ao ambiente da creche e da escola, assim também como o papel do(a) educador(a) de educação infantil para o aprendizado significativo do(a)s mesmo(a)s. O texto tem como objetivo demonstrar o valor da afetividade entre professor(a) e aluno(a) para o processo de construção de conhecimentos significativos nos aspectos sociais, cognitivos e emocionais. Nota-se que o afeto é uma ponte que liga o profissional docente (a) o aluno(a) por meio de laços de amizade. Este relacionamento afetivo desenvolve a autoestima, o amor, sentimentos e valores que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças. Essas relações entre professor(a) e aluno(a) faz com que aconteça uma aprendizagem saudável e prazerosa. A afetividade é a mistura do todo, de todos esses sentimentos, uma boa relação entre professor(a)/aluno(a) contribui para que a criança aprenda a cuidar de suas emoções, sendo assim, logo vai contribuir para que a mesma tenha uma vida emocional equilibrada.

Palavras chave: Afetividade 1 – Docência 2 – Educação Infantil 3.

Eixo Temático 06 Educação de crianças de 0 a 6 anos, Educação Fundamental, Alfabetização, Leitura e Escrita

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de observações feitas em classes de educação infantil de três e cinco anos em duas creches da rede municipal de Feira de Santana e tem como objetivo principal discutir a importância da relação afetiva do professor(a)/aluno(a)

para a formação dessas crianças na construção de conhecimentos significativos nos aspectos sociais, cognitivos e emocionais. Ele também traz o papel desse(a) educador(a) na instituição de educação infantil no processo de aprendizagem do(a)s educando(a)s e como a sua formação tem influência direta ou indireta para a qualidade do trabalho prestado pela instituição de ensino.

A afetividade demonstrada pelo(a) educador(a) da educação infantil serve de suporte para que as crianças se adaptem ao ambiente escolar e interajam com o(a) professor(a), com o(a)s demais colegas, com o(a)s funcionário(a)s da escola e com o ambiente da instituição tornando o seu aprendizado mais próximo da sua realidade de vida.

O papel de mediador(a) do(a) professor(a) nesse processo de adaptação é de extrema importância, pois, este(a) é o adulto que irá proporcionar para as crianças meios para que elas consigam compreender que a escola não é a extensão da sua casa, que elas podem fazer o que quiserem quando quiserem, mas que ali é um espaço que tem uma rotina específica, onde elas podem conviver com outras pessoas com idades próximas e distante, compartilhar experiências, trocar informações, construir conhecimentos, além de conviverem com pessoas que estão trabalhando para o bem estar delas e para o seu desenvolvimento, nesse ambiente elas também podem receber carinho, afeto, atenção, cuidados e educação, porém, elas precisaram entender que existem regras que regem esse espaço para que haja uma boa convivência entre todos que fazem parte do cotidiano da instituição.

Para desenvolver este trabalho foram levantados os seguintes questionamentos: Qual a especificidade da docência na educação infantil? / Qual a importância da afetividade na educação infantil? / As experiências afetivas professor(a) x aluno(a) nas classes de educação infantil podem influenciar no processo de ensino-aprendizagem? E para responde-los foram utilizados documentos legais que trazem o conceito de educação infantil, criança, papel do(a) professor(a) e sua formação como a RCNEI e o Referencial curricular, assim como alguns autores que discutem sobre a formação docente como: Campos (1999) e Kuhlmann (2001), e também alguns autores que discutem o espaço escolar como as autoras Barbosa e Horn (2001).

A especificidade do(a) professor(a) na educação infantil

Para falar de afetividade na educação infantil é necessário também conhecer o papel do(a) professor(a) que atua nessa etapa da educação básica, pois é ele que trabalha

diretamente com as crianças assumindo uma importante função de ser uma ponte entre o(a) aluno(a) e o conhecimento. É ele também o responsável por criar ou usar estratégias que possibilite a construção de conhecimentos e valores que estarão presentes na vida desse(a)s educando(a)s e para tanto o(a) professor(a) precisa estar em busca de conhecer seus/suas aluno(a)s, a fase de desenvolvimento em que ele(a) se encontra e a especificidade de cada um ao lidar com a construção de seu próprio aprendizado, ou seja, o(a) educador(a) precisa possuir saberes em diferentes áreas do conhecimento para auxiliar as crianças a construir novos saberes a partir dos que já possuem. Com relação ao papel do profissional docente Campos afirma que:

[...] como aprendizes ativos, tendo o professor o papel de criar condições favoráveis para a ampliação de seus conhecimentos e de incentivo para que se tornem aprendizes inquisitivos, criativos e críticos, ao lado do domínio sobre os conteúdos, é preciso que o professor conheça muito bem a fase de desenvolvimento em que os alunos se encontram, suas características culturais, sociais, étnicas, de gênero, de qual realidade eles partem e como aprendem. (CAMPOS, 1999, p. 137)

Não há uma formação específica para profissionais que desejam atuar na educação infantil. O(A)s professore(a)s que trabalham nessa etapa são pedagogo(a)s formado(a)s para atuar desde a creche até o ensino fundamental séries iniciais. No entanto cada profissional deve procurar se especializar e buscar adquirir conhecimentos que lhe der suporte para atuar nesse seguimento.

Segundo JUNQUEIRA, o(a) professor(a) é algo que, continuamente, se refaz mediante processos educacionais formais e informais variados, amalgamados sem dicotomia entre vida e trabalho, entre trabalho e lazer (Alda Junqueira Marin)

As crianças da educação infantil requerem do(a) professor(a) cuidados e atenção que as crianças do fundamental séries iniciais já não precisam tanto. A forma de lidar com elas, as metodologias utilizadas, o tempo das atividades, a decoração do ambiente da sala de aula, uma maior presença da ludicidade, a linguagem utilizada, dentre outros aspectos devem ser cuidadosamente observados e analisados pelo(a) professor(a) para que as suas escolhas alcancem as necessidades físicas, sociais e emocionais de seus/suas aluno(a)s.

Dentro desta perspectiva não podemos deixar passar despercebido à forma como muitos profissionais tem atuado nas salas de aula da educação infantil. Muitos desse(a)s educadore(a)s para facilitar seu trabalho têm buscado trabalhar de forma mecânica e desarticulada no intuito de se adequar à realidade ou em busca de um processo mais cômodo que exija menos nos seus afazeres como educador(a). Essa atuação descompromissada implica na construção do conhecimento do(a)s educando(a)s de forma integral e na garantia dos seus direitos. Por causa de tais condutas encontramos crianças desmotivadas e com grandes dificuldades de avançar em seu processo de desenvolvimento, e com isso são podadas e impedidas de se constituírem sujeitos críticos, autônomos e emocionalmente preparados para lidar com diferentes situações do cotidiano escolar e/ou familiar.

Outro aspecto relevante na atuação do(a) professor(a) de educação infantil é colocar a criança como ponto principal no trabalho do(a) educador(a); Todo o trabalho deve estar voltado para o cuidar e o educar que estão integrados e que na maioria das vezes acabam ficando separados, principalmente quando a questão é hierarquizar o trabalho do(a) professor(a) em relação ao da auxiliar, como se o(a) professor(a) tivesse a função de educar, de trabalhar a parte pedagógica, enquanto que a auxiliar tivesse em sua função somente a responsabilidade com os cuidados básicos de levar ao banheiro, dar banho, servir o lanche e outras atividades consideradas como não pedagógicas, o que é um verdadeiro equívoco, já que o cuidar e o educar são indissociáveis.

Portanto, essas duas funções estão interligadas, uma depende da outra, pois, ao cuidar automaticamente está se educando, com intenção ou intencionalmente, assim como ao educar existe uma demonstração de cuidado, dependendo como se comporta o profissional. A maneira como se educa e cuida revela o seu envolvimento afetivo com os sujeitos nesse processo de aprendizagem, ou seja, tudo o que se trabalha numa classe de educação infantil tem que ter uma intencionalidade, pois em tudo o que se faz com a criança se torna um aprendizado para ela. Segundo Kuhlmann (2001),

A caracterização da instituição de educação infantil como lugar de cuidado-e-educação, adquire sentido quando segue a perspectiva de tomar a criança como ponto de partida para a formulação das propostas pedagógicas. Adotar essa caracterização como se fosse um dos jargões do modismo pedagógico, esvazia seu sentido e repõe justamente o oposto do que se pretende. A expressão tem o objetivo de trazer à tona o núcleo do

trabalho pedagógico consequentemente com a criança pequena. Educá-la é algo integrado ao cuidá-la (KUHLMANN, 2001, p. 60),

A proposta pedagógica do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) destaca a indissociabilidade entre cuidar e educar, respeitando as diferenças e individualidade de cada criança, sejam elas de ordem religiosa, cultural, étnicas, sociais, cognitivas ou econômicas.

O Referencial Curricular (Brasil, 1998, p. 23-24) informa que:

Educar significa propiciar condições de cuidado, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito, confiança e o acesso pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. “Cuidar” significa ajudar o outro a se desenvolver como ser humano, valorizar e ajudar a desenvolver capacidades (Brasil, 1998, p. 23-24).

O(A) professor(a) é o profissional diretamente ligado ao cumprimento das leis que regem a educação infantil e para isso ele(a) necessita estar consciente disso e buscar seu aperfeiçoamento constante. Nesta perspectiva o Referencial Curricular (Brasil, 1998, p. 41) salienta que:

Faz-se necessário que os profissionais, nas instituições de educação infantil, tenham ou venha a ter uma formação inicial sólida e consistente, acompanhada de adequada e permanente atualização em serviço. Assim, o diálogo, no interior da categoria, tanto quanto os investimentos na carreira e formação profissional pelas redes de ensino, são hoje, desafio presente, com vista à profissionalização do docente de educação infantil (Brasil, 1998, p. 41).

Assim como o(a) professor(a) deve buscar sua capacitação/formação continuada, é dever das instituições de ensino da educação infantil oferecer aos seus profissionais essa formação como meio de capacitá-los e atualizá-los para melhor educar e cuidar das crianças ali matriculadas. O(A) professor(a) que tem uma formação sólida desenvolve seu trabalho

de forma a contribuir não só para o desenvolvimento cognitivo, mas também o social e o emocional da criança, ele precisa conhecer as necessidades básicas de seus/suas aluno(a)s, mas também necessita desenvolver conhecimentos de áreas específicas. Ainda nesta visão o Referencial Curricular (Brasil,1998, p.41) afirma que:

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o educador tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao educador cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla e profissional, que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com a família e com a comunidade e buscando informações para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças, a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (Brasil,1998, p.41).

Sendo assim, o(a) professor(a) é tão importante quanto o(a) aluno(a), pois a construção do conhecimento se dá à medida que há uma interação entre ambas as partes. Logo é preciso que haja uma relação de respeito e cuidado entre estes para que esse processo de desenvolvimento das competências estabelecidas para a educação infantil se dê de forma equilibrada. Nesse processo de formação do(a) professor(a) deve haver também uma preocupação com a forma de organizar a sua prática pedagógica assim como os currículos para que consiga se alcançar os objetivos propostos nesta etapa de ensino.

Afetividade na educação infantil

De acordo com o Dicionário Aurélio (1994), o verbete afetividade está definido da seguinte forma: “Psicol. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções; sentimentos e paixões, acompanhados sempre dá impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”. E segundo o dicionário informal:

Afetividade é a relação de carinho ou cuidado que se tem com alguém íntimo ou querido.

É o estado psicológico que permite ao ser humano demonstrar os seus sentimentos e emoções a outro ser vivo. Pode também ser considerado o laço criado entre humanos, que, mesmo sem características sexuais, continua a ter uma parte de "amizade" mais aprofundada (Dicionário Aurélio, 1994)

Sendo assim, trabalhar com crianças na educação infantil necessita de trocas de afeto que possibilite a elas compreender o espaço onde está sendo inseridas, as relações ali estabelecidas, a importância do espaço escolar para sua vida e como elas podem fazer parte de tudo isso de maneira equilibrada, desenvolvendo novas relações e habilidades.

A educação infantil é um dos ciclos mais complexos das etapas da educação básica, pois, a criança deixa o aconchego do seu lar para encarar uma nova realidade e adaptar-se a ela. Este período requer muita atenção do(a) professor(a), e é nesta fase que as crianças necessitam sentir-se acolhidas, aceitas, amadas, respeitadas e ouvidas de forma que sejam despertadas a sentir-se parte desse ambiente de socialização, troca e construção de conhecimento.

As Diretrizes Curriculares Nacionais definem a educação infantil como:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção. (BRASIL, 2010, p.12).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2010, p.18).

Respeitar estes princípios é reconhecer que o(a)s aluno(a)s que frequentam a educação infantil são sujeitos de direitos, e com essa atitude a escola demonstra sua concepção de educação, de criança e a sua visão de mundo. Os profissionais que constituem o corpo de funcionários da instituição necessitam estar cientes de que a instituição deve se adaptar as necessidades das crianças e garantir que elas participem de forma ativa e colaborativa nas atividades que possibilitem a elas desenvolver os princípios éticos, políticos e estéticos de forma agradável e prazerosa.

E diante da responsabilidade das instituições que oferecem a educação infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais define criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Em relação a finalidade da Educação Infantil a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 em seu capítulo II, artigo 29, afirma que a mesma tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos, físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996). Isso indica que o(a) educador(a) não tem a função de substituir a família, porém como mediador(a) do conhecimento sistematizado e dos valores afetivos, ele(a) precisa criar meios para que as crianças desejem estar no ambiente educativo (creche/escola) e perceba que ali não é uma extensão de sua casa, mas que este ambiente também existe pessoas que estão empenhadas com o seu bem estar e que se preocupam com os seus medos, seus sonhos e seus mais simples conflitos, sejam eles de ordem pessoal ou coletivo.

O relacionamento afetivo entre professor(a) e aluno(a) vai contribuir para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças. A relação de afeto do(a) educador(a) com a criança possibilitará a ela desenvolver sua autonomia, a conviver melhor com o(a)s demais colegas e com as pessoas que convivem com elas, e para, além disso, permitirá a(o) educando(a) construir um aprendizado significativo a partir de uma relação de carinho e confiança com seu/sua professor(a).

Para Barbosa e Horn (2001, p. 70):

Atividades que envolvam o cuidado e a saúde são realizadas diariamente nas instituições de educação infantil e não podem ser consideradas na dimensão descrita de cuidados físicos. A dicotomia, muitas vezes vivida entre cuidar e o educar deve começar a ser desmistificada. Todos os momentos podem ser pedagógicos e de cuidados no trabalho com crianças de 0 a 5 anos. Tudo dependerá da forma como se pensam e se procedem as ações. Ao promovê-las proporcionamos cuidados básicos, ao mesmo tempo em que atentamos para a construção da autonomia, dos conceitos, das habilidades, do conhecimento físico e social... (Barbosa e Horn, 2001, p. 70)

Esse contato diário com as crianças requer do(a) professor(a) um olhar diferenciado para que não haja uma separação entre cuidar e educar, mostrando que as suas concepções como profissional da educação estão para além de um trabalho feito para cumprir uma carga horária. Isso também demonstra que há de sua parte como educador(a) uma preocupação com a formação do(a) seu/sua aluno(a) permitindo que mesmo pequeno ele(a) consiga relacionar-se com o mundo ao seu redor e construa sua própria visão de mundo.

Um fator de grande relevância dentro do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil é que a criança deve ter experiências afetivas e prazerosas por meio do brincar, da socialização e da convivência com todos que fazem parte do ambiente educativo.

Apesar de ainda serem pequenas as crianças possuem suas opiniões próprias que precisam ser respeitadas e/ou orientadas, podem ter suas escolhas e necessitam de atenção para que se sintam acolhidas e protegidas dentro da escola e da sala de aula. Quando elas não se sentem assim preferem ficar em casa e frequentar a instituição acaba não fazendo nenhum sentido em sua vida. E é a relação com os adultos que estão com elas diariamente

no ambiente educativo que vai garantir ou não seus direitos como sujeito pensantes, com opiniões e desejos próprios.

CURY apud SIQUEIRA; SILVA NETO (2011), aponta que:

A afetividade deve estar presente na práxis do educador [...] os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância a inclusão, os sentimentos altruísta, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinado por máquinas, e sim por serem humanos (CURY apud SIQUEIRA; SILVA NETO, 2011, p. 12)

Nesse contexto o autor acima ressalta a importância do(a) professor(a) para que o(a)s aluno(a)s se sintam mais seguros, criando, assim, um ambiente de aprendizado sem agitação, pois, a afetividade se faz presente no dia a dia da sala de aula, por meio da posição do(a) professor(a) e pela dinâmica de seu trabalho ou nas relações com o((a)s aluno(a)s.

A preocupação do(a) professor(a) com o desenvolvimento integral da criança é demonstrado desde a forma como ele(a) recebe suas crianças, como a sala é organizada, a realização das atividades e até mesmo a sua forma de planejar, pois, é através de pequenas ações que ele(a) apresenta a criança sua ideologia de vida e o seu compromisso político para com a formação de cada uma delas.

Maria da Graça Souza Horn ajuda-nos a pensar o seguinte sobre esse tema:

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios (HORN, 2004, p. 15).

O olhar atento do(a) educador(a) revela a sua preocupação e envolvimento para que os seus/suas aluno(a)s desenvolvam aprendizados significativos e se sintam parte de um universo que está trabalhando para que ele(a) adquira autonomia, responsabilidade, que

construa sua identidade, que compartilhe objetos, conhecimentos e emoções, dentre outras habilidades e princípios. As creches e “as escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores” (Cláudio Saltini, 1997).

A afetividade é um condutor de comunicação entre a criança, seu meio de convivência e as pessoas que circulam por ele, portanto, a postura do(a) professor(a) é imprescindível para que esta criança estabeleça uma relação de afeto (na creche) em seu ambiente escolar e sua convivência diária neste espaço se torne prazerosa e significativa. As escolas precisam entender as emoções das crianças para que as ajude a controlar seus sentimentos e foquem seu potencial em seu aprendizado.

Quando as crianças desenvolvem essa relação amigável com seus/suas professore(a)s, o seu aprendizado torna-se prazeroso, ele(a)s exteriorizam seu prazer em ir para a creche/escola, enquanto aqueles que não têm um bom relacionamento com o(a) educador(a) vão a instituição na maioria das vezes forçado(a) pelos pais/responsáveis, e isso cria barreiras no processo de ensino-aprendizagem do(a) aluno(a). E para esse(a)s aluno(a)s a escola torna-se um espaço a ser depredado, pichado, ignorado, destruído, ela é vista como um lugar ruim.

Experiências afetivas professor(a) x aluno(a)

O(A) professor(a) precisa conquistar seu/sua aluno(a) para que ele(a) se interesse pela construção e aprimoramento do seu próprio conhecimento, envolvendo-se, motivando-se para diminuir ou sanar possíveis dificuldades em seu processo de aprendizagem. Segundo Antunes (2007) quando o(a) professor(a) não tem uma ligação afetiva com o(a) aluno(a) o aprendizado se torna difícil e marcante, não tem sentido para o(a) aluno(a), não há aproveitamento de qualidade.

Os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleçam vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendizado (ANTUNES, 2007, p.12).

O(A) educador(a) precisa compreender que ele(a) não está ali apenas para transmitir conhecimentos, mas que o(a) aluno(a) também participa ativamente da elaboração e aquisição da aprendizagem por meio das trocas, o(a) professor(a) apenas medeia essa construção e para tal feito necessita do envolvimento de sentimentos como afeto, amor, atenção, respeito e amizade.

Em alguns casos pode haver a presença da indisciplina, mas o(a) educador(a) precisa ter “jogo de cintura” e com carinho também conquistar esse(a) aluno(a), e trazer para “jogar no time da aprendizagem de qualidade”. Ele terá um pouco mais de trabalho, porém, a recompensa na aprendizagem final será maior.

Para Wallon a afetividade tem grande importância na formação da inteligência do ser humano, ela é um elo na interação dos indivíduos entre o orgânico e o social, ou seja, o ser humano é um ser social que depende das relações afetivas para se desenvolver qualitativamente. As crianças não conseguem viver isoladamente e na sala de aula não é diferente. No princípio haverá conflitos por se tratar de crianças com características diferentes, porém, com a intervenção adequada do(a) professor(a) elas irão aprender a conviver com as diferenças e respeitá-las, contribuindo para as transformações uns dos outros. Wallon (2008, p.73) afirma que: “a afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se às emoções um papel primordial na formação da vida psíquica, um elo entre o social e o orgânico (Wallon, 2008, p.73)”.

Para que o(a) professor(a) conheça as especificidades de cada criança e ajude-as em na aquisição de conhecimentos, ele(a) precisa ficar atento para não negligenciar os aspectos afetivos que envolvem cada uma delas. É preciso ter sensibilidade para ouvi-las, para dialogar com elas e apoiá-las para que busquem superar as suas dificuldades, tornam-se sujeitos críticos, autônomos e sociáveis. O(A) professor(a) afetivo(a) na educação infantil procura desenvolver estratégias pedagógicas criativas, dinâmicas e flexíveis para alcançar as especificidades das crianças tanto nos aspectos individuais quanto no que diz respeito aos aspectos coletivos.

Considerações Finais

Até mesmo os adultos precisam manter relacionamentos de afeto saudáveis com seus pares para ter uma qualidade de vida, e com as crianças não é diferente: elas já nascem em sua maioria recebendo manifestações de carinho de seus pais, familiares e amigos. Quando chegam à creche e/ou a escola elas também precisam receber afeto de seus/suas educadore(a)s para que não haja um rompimento brusco dessas manifestações. A relação afetiva entre professor(a) e aluno(a) servirá de base para que os pequenos aprendizes alcancem os objetivos proposto para sua idade, ou seja, ela não garante o sucesso na creche e na escola, mas contribui para que ele aconteça.

Para alguns profissionais docentes a questão afetiva parece ser simples e irrelevante, porém, quando a criança se sente acolhida e amada, ela se sente importante e pertencente ao ambiente da creche e da escola, e isso faz com que ao longo do ano letivo ela construa as habilidades e competências correspondentes a sua idade. Aquelas que não recebem semelhante atenção ficam muitas vezes desestimuladas e não tem prazer em ir à creche, à escola, vai em sua maioria obrigadas pelos pais/responsáveis, e essa aversão a creche, a escola ou (a)o professor(a) cria uma barreira no desenvolvimento do(a)s aluno(a)s, podendo trazer consequências sérias para toda sua vida escolar.

O(A)s educadore(a)s da educação infantil não podem confundir o seu papel com o da mãe, no entanto, ele(a)s precisam estar preparados para agacharem e conversar com suas crianças, ouvir as suas queixas, seus lamentos, seus sonhos, suas vivências, para abraçá-las e fazê-las se sentirem seguras, amadas e com isso aprenderem que na creche e na escola também é lugar de prazer, alegria e troca de afeto com colegas e professore(a)s.

O(A) educador(a) torna-se um(a) amigo(a), um colo aconchegante, um refúgio para alguns que em casa não conseguem obter dos pais/responsáveis a afetividade que necessitam, e ao encontrar esse acolhimento melhora o seu desenvolvimento no processo de aprendizagem. Com relação ao desenvolvimento das crianças que são carentes de afeto Ribeiro e Jutras (2006) dizem o seguinte:

Os resultados positivos de uma relação educativa movida pela afetividade opõem-se àqueles apresentados em situações em que existe carência desse componente. Assim, num ambiente afetivo, seguro, os alunos mostram-se calmos e tranquilos, constroem uma autoimagem positiva, participam efetivamente das atividades propostas e contribuem para o atendimento dos objetivos educativos. No caso contrário, o aluno rejeita o professor e a

disciplina por ele ministrada, perde o interesse em frequentar a escola, contribuindo para seu fracasso escolar. O professor que possui a competência afetiva é humano, percebe seu aluno em suas múltiplas dimensões, complexidade e totalidade (RIBEIRO e JUTRAS, 2006).

Portanto, as relações afetivas professor(a)/aluno(a) exerce uma importante função nas relações com os demais colegas e influencia decisivamente na percepção, na memória, nas vontades e ações e na qualidade de vida das crianças e até mesmo das famílias. Essa afetividade saudável ensinará a melhorar o relacionamento fora e dentro da creche e da escola e contribuirá para ajudar as crianças à equilibrar a suas emoções.

Conclui-se que como o(a) aluno(a) aprende na interação com o outro, ele(a) precisa estar bem afetivamente para que a sua aquisição do conhecimento seja significativa e de qualidade, e como o(a) professor(a) é a ponte entre ele(a) e o conhecimento faz-se necessário desenvolver um relacionamento de amizade regido pelo respeito, confiança e amor. O(A) aluno(a) apaixonar-se pelo(a) professor(a) e pela maneira como se sente aceito por ele(a) e como consequência aprende a gostar de aprender.

O ser humano é movido por sentimentos e as crianças aprendem com os adultos a expressarem seus melhores ou piores sentimentos, ao(a)s educadore(a)s cabe a árdua, mas gratificante tarefa de despertar em seus/suas aluno(a)s o que ele(a)s tem de melhor para compartilhar com a comunidade escolar e desenvolver de forma prazerosa, gratificante, significativa e equilibrada a sua aprendizagem e seus relacionamentos afetivos.

Referências:

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola**: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2007, p. 12.

_____. **A construção do afeto**: Como estimular as múltiplas inteligências de seus filhos. São Paulo: Augustus, 2000, p. 157.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

Brasília: MEC/SEF, 1996.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998, p.41.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAMPOS, Maria Malta. **A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate.** Educação e Sociedade, Campinas, SP, v. 20, n. 68, p. 126-142, dez. 1999. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a07v2068.pdf>>. Acesso em: 23 julho. 2015.

HORN, Maria da Graça Souza; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria (org) **Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001, p. 67-73.

KUHLMANN, Moysés. Educação Infantil e currículo. In: FARIA, Ana Lúcia G. de; PALHARES, Marina Silveira (orgs.). **Educação infantil**, Pós-LDB: rumos e desafios. Campinas: Autores Associados/São Carlos: UFSCar/Florianópolis: UFSC, 2001, p. 51-65.

RIBEIRO, Marinalva Lopes e JUTRAS, France. **Representações sociais de professores sobre afetividade.** Estudos de psicologia. Campinas, v.23, n.1, p.39- 45, mar 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid>. Acesso em: 30 jul. 2015.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & inteligência.** Rio de Janeiro: DPA, 1997.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento:** ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008, p.73.

SOBRE AS AUTORAS

Maria Aparecida Rodrigues Rocha1

Licenciatura em pedagogia em curso, Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS; Brasil; ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docente- PIBID em uma instituição pública no Ensino Fundamental Series Iniciais; Mobilidade Estudantil na Universidade de Évora em Portugal em 2018 pelo Programa de Mobilidade Estudantil da UEFS; Estágio voluntário em uma instituição de Educação Infantil durante o período de mobilidade na Universidade de Évora; Estágio não obrigatório em uma instituição de Educação Infantil no município de Feira de Santana pela prefeitura da mesma. E-mail: rochamariaparecida@gmail.com

Rainê Ferreira Santana Moura2

Licenciatura em pedagogia em curso, Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS; Formada em Magistério, tendo quinze anos de experiência na área privada em Ed. Infantil e Ensino Fundamental Series iniciais. Fez estágio não obrigatório nas series iniciais no município de Feira de Santana por dois anos, bem como, estágio em coordenação na Comissão Permanente de Avaliação (CPA) por um ano e cinco meses. Atualmente é professora regente em uma escola da rede privada no mesmo município em uma turma do 4º ano Ensino Fundamental Series Iniciais. E-mail: rainesantana@hotmail.com